

Releituras patrimoniais e louças plurais: as cerâmicas da coleção Guilherme Tiburtius do museu arqueológico de sambaqui de Joinville¹

Rosane Patricia Fernandes²

Cláudia Inês Parellada³

Dione da Rocha Bandeira⁴

Resumo: O artigo investiga de que modo as materialidades neste caso, as cerâmicas expressam diferentes matrizes culturais e formas de identificação das produções dos povos. A pesquisa toma como objeto as louças de barro da coleção de Guilherme Tiburtius, atualmente preservadas no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Ao analisar morfologias, técnicas, decorações e permanências de saberes ancestrais, o estudo busca compreender como grupos indígenas, especialmente Guarani e Jê meridionais, deixaram marcas em objetos posteriormente patrimonializados. A investigação foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e documental, associada à análise dos artefatos, fotografias, cadernos de campo e correspondências da coleção. As peças foram examinadas quanto às formas, tratamentos de superfície, engobos, pinturas, incisões, asas e alças. Os resultados mostram que as cerâmicas reúnem influências indígenas, africanas e europeias. Foram identificados elementos Guarani, como corrugados, unglados e pinturas vermelhas, bem como traços Jê meridionais, como engobo negro e incisões geométricas. Algumas marcas sugerem também referências africanas. O estudo conclui que essas cerâmicas constituem patrimônios plurais, revelando memórias, identidades e processos de contato e permanência cultural.

Palavras-chave: Cerâmica arqueológica; Patrimônio cultural; Guarani, Jê meridional; Coleção Guilherme Tiburtius.

Resumen

El artículo investiga de qué modo las materialidades, en este caso, las cerámicas, expresan diferentes matrices culturales y formas de identificación de las producciones de los pueblos. La investigación toma como objeto las lozas de barro de la colección de Guilherme Tiburtius,

¹ Este artigo relaciona-se diretamente ao projeto de pós-doutorado “Percepções e Identificações Culturais Indígenas e o Patrimônio Arqueológico” ao analisar as louças de barro da coleção Guilherme Tiburtius como materialidades que expressam diferentes matrizes culturais e formas de identificação indígena. Ao investigar morfologias, técnicas, decorações e permanências de saberes ancestrais presentes nas peças, a pesquisa contribui como primeiros resultados para compreender como grupos indígenas, especialmente Guarani e Jê meridionais, deixaram marcas em objetos posteriormente patrimonializados no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Esse estudo é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), bem como se associa aos estudos empreendidos pelo grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (GEIPAC), participante do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico/LAPArq da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

² Rosane Patricia Fernandes: Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, da UNIVILLE, Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico/LAPArq da UNIVILLE e Docente da Faculdade do Litoral Paranaense (ISEPE) Guaratuba e do Instituto Superior de Educação de Guaratuba e da Faculdade Iguaçu

³ Cláudia Inês Parellada: Doutora em Arqueologia pela USP, Mestre em Antropologia Social e geóloga. Docente Permanente Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPR. Arqueóloga do Museu Paranaense, trabalha com arqueologia e arte indígena.

⁴ Dione da Rocha Bandeira: Arqueóloga e docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, linha Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Coordenadora do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico/LAPArq da UNIVILLE e arqueóloga do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

actualmente conservadas en el Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Al analizar morfologías, técnicas, decoraciones y la permanencia de saberes ancestrales, el estudio busca comprender cómo los grupos indígenas, especialmente los guaraníes y los jê meridionales, dejaron huellas en objetos posteriormente patrimonializados. La investigación se desarrolló mediante una revisión bibliográfica y documental, asociada a la análisis de los artefactos, fotografías, cuadernos de campo y correspondencia de la colección. Las piezas fueron examinadas en cuanto a sus formas, tratamientos de superficie, engobes, pinturas, incisiones, asas y agarraderas. Los resultados muestran que las cerámicas reúnen influencias indígenas, africanas y europeas. Se identificaron elementos guaraníes, como corrugados, ungulados y pinturas rojas, así como rasgos jê meridionales, como el engobe negro y las incisiones geométricas. Algunas marcas sugieren también referencias africanas. El estudio concluye que estas cerámicas constituyen patrimonios plurales, revelando memorias, identidades y procesos de contacto y permanencia cultural.

Palabras claves: Cerámica arqueológica; patrimonio cultural; guaraní; jê meridional; colección Guilherme Tiburtius.

Abstract: The article investigates how materialities, in this case, ceramics, express different cultural matrices and forms of identification of the productions of peoples. The research takes as its object the earthenware vessels from the Guilherme Tiburtius collection, currently preserved at the Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. By analyzing morphologies, techniques, decorations and the permanence of ancestral knowledge, the study aims to understand how Indigenous groups, especially Guarani and Southern Jê, left marks on objects later transformed into heritage. The investigation was developed through a bibliographic and documentary review, associated with the analysis of the artifacts, photographs, field notebooks and correspondence belonging to the collection. The pieces were examined regarding their forms, surface treatments, slips, paintings, incisions, handles and appendages. The results show that the ceramics bring together Indigenous, African and European influences. Guarani elements were identified, such as corrugated and fingernail-impressed decorations and red paintings, as well as Southern Jê traits, such as black slip and geometric incisions. Some marks also suggest African references. The study concludes that these ceramics constitute plural heritage, revealing memories, identities and processes of contact and cultural permanence.

Keywords: Archaeological ceramics; Cultural heritage; Guarani; Southern Jê; Guilherme Tiburtius Collection.

Introdução

A facilidade de obtenção e as características tecnológicas da argila, geralmente plástica na natureza, possibilitando a modelagem, e com dureza e resistência após a queima, transformaram o cotidiano de populações humanas (BRANCANTE, 1981). Os contextos arqueológicos mais antigos com artefatos cerâmicos foram datados em cerca de 30 mil anos, como a Vênus de Willendorf, encontrada na atual Áustria (WEBER *et al.*, 2022).

Aspectos simbólicos e ontológicos de diferentes grupos sociais conseguiram se expressar em variadas formas, estilos, volumes e decorações. Aparó (2010, p. 20) salienta que

a cerâmica apresenta uma linguagem técnico-produtiva particular, capaz de diferenciar cada comunidade ao longo do tempo, constituindo-se como um meio, “veículo de expressão” e de materialização do patrimônio cultural dos povos.

Este artigo apresenta reflexões multivocais sobre louças de barro, queimadas em baixas temperaturas, materialidades provenientes de municípios no entorno de Curitiba, no Primeiro Planalto Paranaense, destacando e contextualizando os diferentes atores sociais envolvidos: ceramistas, agricultores, moradores de comunidades locais, comerciantes, pesquisadores, entre outros. Buscou-se a caracterização de memórias e histórias de longa duração, ressignificando identidades, práticas e fronteiras sociais, além de debates relativos a saberes e influências plurais: indígenas, africanas, afroindígenas, europeias, luso-brasileiras, baianas, paulistas, paranaenses, entre outras. O recorte está na coleção de artefatos cerâmicos, utilitários e/ ou rituais, reunidos por Guilherme Tiburtius (GT), em diversas comunidades rurais no alto rio Iguaçu, especialmente no município paranaense de Araucária, em 1941 e 1942 que atualmente estão no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville-MASJ.

É importante destacar que essas louças cerâmicas, em tempos passados, seriam relacionadas à Tradição Neobrasileira, definida, na década de 1960, por pesquisadores do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). A cerâmica Neobrasileira, abrangente demais, atualmente em desuso, foi definida como: “... confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados em cerâmica, e pederneiras” (CHMYZ, 1976, p.145).

No atual estudo fez-se ampla análise bibliográfica e documental, baseada em artigos, livros, relatórios de licenciamentos arqueológicos, e arquivos do acervo pessoal de GT que compõe o acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Discutem-se temáticas como as origens e os aspectos simbólicos da cerâmica, especialmente através de Brancante (1981), Lévi-Strauss (1983), La Salvia e Brochado (1969), Cooper (1999), Chavarria (2004) e Aparó (2010). Na contextualização da cerâmica arqueológica, inclusive das queimadas em baixa temperatura como as louças em barro, em território brasileiro, foram acionados Herta Scheuer (1976), Dias Jr. (1983), Chmyz (1971, 1976, 2003), Prous (1992), Parellada (1997, 2008, 2015, 2020), Chmyz *et al.* (2009, 2011), Volcov (2011), e Sallum e Noelli (2019, 2020), entre outros autores. Em discussões sobre as louças cerâmicas como marcadores culturais usaram-se as narrativas de Arévalo (2004), Gonçalves (2005, 2007), Ingold (2012, 2015), entre outros. Ainda, foram analisados documentos textuais e imagéticos,

como os cadernos de pesquisas, as correspondências e imagens fotográficas da coleção GT, acervadas no MASJ.

Ainda, ao verificar se as materialidades desvelariam as interações e as vivências humanas em seus territórios, observou-se que as louças de barro da coleção GT simbolizam o fazer cultural e social imbuído de elementos presentes na vida dos grupos sociais que as confeccionaram, revelando interações e rupturas culturais. Na seção seguinte, detalham-se os estudos sobre origens e mobilidade desses objetos em análise.

As Cerâmicas Plurais de Araucária, Paraná, da Coleção Guilherme Tiburtius

A chegada oficial na costa atlântica, no século XVI, de europeus, africanos e asiáticos, vindos de diferentes continentes e países, trouxeram influências e proporcionou transformações em vários saberes e práticas tradicionais dos povos originários nas Américas. Para Noelli e Sallum (2019, p. 702), “a apropriação da cerâmica foi baseada na competência tecnológica indígena pré-colonial e na articulação de práticas com portugueses para produzir a cerâmica neocolonial, neobrasileira, ou de contato⁵ nas primeiras décadas da Colônia”. Os vasilhames cerâmicos, anteriormente denominados Neobrasileiros, são os que contêm, portanto, traços e influxos desse contato entre europeus, indígenas e africanos (DEMINICIS, 2017, p. 78).

As cerâmicas plurais, com características indígenas, africanas e europeias, com produção local e regional, inicialmente, foram descritas como “caboclas”. Essas cerâmicas, “após exaustivas discussões para a procura de um melhor designativo, passaram a chamar-se de Neobrasileira” (DIAS JR, 1983, p. 3). Nessas cerâmicas estariam presentes elementos indígenas, “... na técnica de confecção, decoração e no tratamento da superfície” e “... traços europeus [...] no surgimento das asas e raras alças” (DIAS JR, 1983, p. 9). As formas predominantes se assemelham às encontradas nas tradições regionais indígenas, nas quais as cerâmicas ocorrem, mas também podem ter sofrido influências do contato com grupos escravizados de matriz africana (DIAS JR, 1983).

Assim, do encontro do fazer cultural desses povos foram criados objetos plurais, materialidades com agências, como discutem Souza e Dias (2022). Nesse sentido, Trindade e Souza (2022), ao pesquisarem as tecnologias e as variabilidades das louças de uso doméstico, ao longo de quatro períodos distintos, entre os séculos XVII e XIX no Vale do Macau, no Rio de Janeiro, deparam-se com expressões culturais plurais. Tanto nas mudanças estilísticas dos

⁵ Conceitos que visam a classificar provisoriamente as materialidades coloniais ainda não investigadas em seus processos de apropriação e transformação (ZANETTINI, 2005).

vasilhames, como nas evidências da agência criativa de diferentes sujeitos envolvidos na elaboração, ou seja, a confluência da diversidade de saberes indígenas, africanos e europeus. Assim, conforme Turgeon (2003), esses novos objetos culturais são produtos de uma relação de força intercultural negociada e renegociada, de tradições continuamente reinterpretadas e refeitas de aportes exteriores.

No fim do século XVIII, em terras brasileiras, havia diversidade étnica que “compunha uma complexa multiplicidade de histórias, culturas, hábitos e costumes” resultantes dos contatos, alianças e conflitos, entre indivíduos de diferentes ancestralidades. A cerâmica de produção local foi uma das mais influenciadas por esses contatos (MORALES, 2001, p. 169). A cerâmica, com influências plurais, denominada afroindígena, paranaense, paulista, baiana, entre outras denominações, é resultado de produção e consumo local e familiar, com apropriações e bases regionais de territórios nacionais, que envolvem a integração de múltiplos e reconhecidos conhecimentos tradicionais ancestrais.

Os Grupos Ceramistas no Alto Rio Iguaçu, Planalto de Curitiba

Inúmeros sítios arqueológicos atestam diferentes ocupações humanas, anteriores a 15 mil anos atrás, em território sul-brasileiro. Distintos povos caçadores, coletores, pescadores e agricultores (em concepções mais abrangentes), ceramistas ou não, ocuparam diferentes mosaicos ambientais que, atualmente, configuram espacialidades pertencentes à América do Sul.

No espaço territorial sul-brasileiro, os primeiros habitantes foram os Paleoíndios, em período que ultrapassa 15.000 mil anos AP⁶, adaptados a um clima mais frio e seco, e a uma vegetação menos densa (PARELLADA, 2020). Viviam em pequenos grupos, com alta mobilidade, sendo a subsistência baseada em caça, pesca e coleta de frutos e sementes (CHMYZ, 1986). A partir de, aproximadamente, 10.000 mil anos ocorreram assentamentos de povos caçadores e coletores cujos vestígios materiais relacionam-se às tradições Humaitá, Umbu e Sambaqui (CHMYZ, 1976; PROUS, 2004; PARELLADA, 2005, 2020; MOTA, 2012). Já as populações ceramistas relativas às áreas do alto rio Iguaçu, conforme dados etno=históricos, seriam referentes às famílias linguísticas Jê e Tupi-Guarani (MARTINS, 1944; SGANZERLA *et al.*, 1996; MOTA, 2012; PARELLADA, 2016).

⁶ O termo AP, refere-se a 1950 CE antes do presente, ou seja, por convenção o presente (P) refere-se ao ano de criação do método de datação radiocarbônica por decaimento Beta.

No século XVI, em territórios do atual Paraná, existiam muitas aldeias povoadas por indígenas ancestrais de Kaingang, Laklãnõ⁷, Guarani e Xetá, com paisagens já transformadas pelos povos originários. Manejavam recursos naturais, possuíam arquiteturas e estéticas diferenciadas, plantavam roças, confeccionavam trançados, artefatos em madeira, rochas, ossos e cerâmicas, com tecnologias, morfologias e decorações características (SGANZERLA *et al.* 1996; CHMYZ, 1986; PARELLADA, 2020).

Povos Jês chegaram há cerca de 4 mil anos nos planaltos paranaenses, migrando provavelmente de áreas centrais do atual território brasileiro (PARELLADA, 2016). Ocuparam muitas áreas de vales de grandes rios no Paraná, além de topos de montanhas, de cavernas e do litoral atlântico, tendo contato com povos sambaquianos (NOELLI, 2004; CHMYZ *et al.*, 2009; MOTA, 2012). Com alimentação diferenciada, que incluía o manejo florestal, de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e espécies consorciadas, a coleta de mel, a caça e pesca de fauna silvestre, além do cultivo de milho, mandioca, feijão e abóboras, entre outras variedades (PARELLADA, 2016, p. 161). As cerâmicas associadas a povos Jês Meridionais, encontradas no litoral e no Primeiro Planalto Paranaense, primeiro foram classificadas em três tradições: Taquara, Casa de Pedra e Itararé, e depois denominadas, regionalmente, de Itararé-Taquara ou Taquara-Itararé (CHMYZ, 1971, NOELLI, 2004; BEBER, 2004; PARELLADA, 2005; CHMYZ *et al.*, 2008; VOLCOV, 2011), atualmente sendo melhor caracterizada como Jê ou Jê Meridional (PARELLADA, 2016). A superfície externa de parte dos vasilhames era decorada com incisões ou através de carimbos, além da impressão de trançados ou tecidos, especialmente em materialidades Jê do centro-sul do Paraná (PARELLADA, 2008).

Os recipientes cerâmicos, documentados na Serra do Mar e no Primeiro Planalto Paranaense, possuem dimensões reduzidas e coloração enegrecida, conforme Parellada (2005), existindo muitas citações sobre diferentes povos indígenas na região, como os Laklãnõ, Kaingang e Guarani, nos séculos XIX e XX, e que estão presentes até a atualidade em várias áreas indígenas, demarcadas ou ainda em processos de retomada territorial.

A possível cerâmica Laklãnõ, de acordo com Chmyz (2008, p. 250), apresentaria “acabamento superficial semelhante à da cerâmica Itararé, [...] menor variação nas bordas, paredes mais espessas, maior volume dos recipientes e nas formas das vasilhas, especialmente as cônicas”, apesar dessas características também serem apresentadas para os Kaingang por Miller Jr (1978).

⁷ Este grupo é conhecido como Xokleng, denominação não reconhecida pelo grupo que se autodenomina Laklãnõ.

A cerâmica Itararé-Taquara caracteriza-se pelo “pequeno volume das vasilhas e espessura fina de suas paredes, com eventual engobo negro ou vermelho e, em alguns casos com marcação de tecido ou malha, carimbos e incisões, na face externa”, com formas variadas, como pratos, tigelas, vasilhames cilíndricos e panelas com bordas variadas, bases arredondadas, planas ou côncavas (PARELLADA, 2008, p. 220).

As populações Tupi e Guaraní relacionam-se às tradições arqueológicas Tupinambá e Guaraní (NOELLI, 2004). Os Guaraní, fazem cerca de 2.000 anos, iniciaram a expansão do sudoeste da Amazônia através da bacia do rio da Prata, em direção à costa atlântica do sudeste brasileiro (LOPONTE *et al.*, 2025). Ocuparam os vales de diferentes rios: Tietê, Paranapanema, Ivaí, Tibagi e Iguaçu, descendo até o rio Uruguai e a Lagoa dos Patos, manejando e explorando diferentes territórios (CHMYZ *et al.*, 2009; BONOMO *et al.*, 2015). As populações agricultoras Guaraní, com suas diferentes parcialidades linguísticas, iniciaram a ocupação, há mais de dois milênios, de planícies e planaltos em áreas de ocorrência das florestas úmidas do Sul da América do Sul (PARELLADA *et al.*, 2006).

Os Guaraní elaboravam objetos cerâmicos, utilitários e rituais, que variavam de dimensões e morfologia, de grandes e fundas até pequenas e rasas, especialmente esféricas, cônicas e carenadas. Os recipientes armazenavam e processavam grãos, alimentos, líquidos, e corantes farinhas e demais alimentos, bem como para sepultar parte dos mortos (CHMYZ *et al.*, 2009, p. 13).

Outros elementos diagnósticos para a arqueologia Guaraní são os diferentes tipos decorativos, com destaque para as pinturas em traços e linhas geométricas vermelhas e pretas sobre engobo branco, como também, na superfície externa das materialidades, decorações unguladas, corrugadas, escovadas, espatuladas, noduladas, entre outras (PARELLADA, 2008). Chmyz (1977, p. 5) aponta que, em sítios arqueológicos Guaraní, ocorre cerâmica Itararé, revelando “contatos interétnicos” com a presença de traços Itararé nas formas e decorações em vasilhames cerâmicos com tecnologia, também, Guaraní.

Os conquistadores europeus disputaram territórios com os indígenas, provocando muitos conflitos e algumas alianças, seguiram no sentido a oeste da linha de Tordesilhas, em território pretendido pelos espanhóis, embora entre 1580 e 1640 vigorasse a chamada União Ibérica (PARELLADA, 2020).

Em sítios arqueológicos documentados na região metropolitana de Curitiba, foram cadastrados diferentes locais com cerâmica Guaraní, com influências ibéricas e africanas, evidenciando processos de alianças, entrelaçamentos e trocas culturais, além de circulação de

práticas e saberes entre indígenas, africanos e europeus, que aconteceram, em diversas temporalidades e espacialidades no sul da América do Sul.

Chmyz (2003), ao publicar relatórios⁸ de estudos arqueológicos realizados no entorno de Curitiba, menciona a coleção GT, pois parte das cerâmicas encontradas apresentava “traços cerâmicos produzidos localmente”, demonstrando estar “relacionada à tradição Neobrasileira” (CHMYZ, 2003, p. 68). Esses sítios arqueológicos foram registrados no IPHAN, no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG), como: PR CT 85: Rio dos Patos-1, PR CT 86: Rio dos Patos-2, PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 88: Ganchinho, PR CT 89: Rio das Onças-1, PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4 e PR CT 95: Rio Maurício-1, entre outros (CHMYZ, 2003; IPHAN, 2024).

Neste mesmo relatório, Chmyz (2003, p. 5-6), ao se referir à coleção GT, menciona que “[...] teve a oportunidade de constatar, entre a população mestiça dos municípios [...], a produção de recipientes cerâmicos com tecnologia tradicional indígena associada às européias [sic] africanas”. Tiburtius (1968) descreve a população dessas comunidades do entorno de Curitiba que faziam uso das louças de barro como “[...] os primeiros chamavam erradamente de caboclos [...] uma população pobre, mas prestativa de composição robusta [...] Possivelmente trata-se de um grupo restante de índios [...]” (TIBURTIUS, 1968, p. 3). Essa interação entre indígenas e colonizadores já era relatada, desde 1501, em terras paulistas (NOELLI; SALLUM, 2019, 2020).

Os contatos entre os indígenas locais, europeus e africanos, assim como as articulações e alianças ocorridas, a partir do século XVI, intensificaram-se ao longo do tempo. Análises arqueológicas de Volcov (2011), em acervos cerâmicos paranaenses Itararé-Taquara e Guarani demonstraram que a entrada de europeus forçou adaptações entre esses grupos no alto Iguaçu. Segundo o autor, “antes da chegada dos europeus, os grupos Jê e Tupi-Guarani mantinham fronteiras territoriais e culturais definidas e estáveis” (2011, p. 153). Relatos de contatos entre indígenas e europeus, bem como os reflexos na produção de cerâmicas locais em regiões costeiras paulistas e paranaenses e em algumas vilas ribeirinhas, foram documentadas em Scheuer (1976) e Noelli e Sallum (2019).

Os estudos sobre objetos cerâmicos atravessaram os séculos e estes continuam instigando novos questionamentos e abordagens, visto que “constituem tema de investigação sobre aspectos tecnológicos, econômicos e sociais da materialidade brasileira. A maioria dessas cerâmicas e seus contextos de produção e uso permanecem pouco ou nada

⁸ É o caso da arqueologia da área do aterro sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná, publicado na Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA).

pesquisados” (SILVA, 2002; NOELLI; SALLUM, 2019, p. 701). Com o intuito de contribuir para o estatuto de pesquisas acerca dos objetos cerâmicos, a seção seguinte trata mais especificamente sobre a coleção Guilherme Tiburtius.

A Cerâmica como Materialidade: Reflexões sobre a Pluralidade em Formas e Decorações nas Louças de Barro da Coleção Guilherme Tiburtius

Aspectos plásticos da argila possibilitam a modelagem de formas e decorações tradicionais de diferentes ancestralidades. As pluralidades étnicas de saberes e práticas, na elaboração de materialidades, podem ser discutidas através dos conceitos de etnogênese, agência humana e uso criativo dos recursos materiais, conforme Souza (2008), Symanski e Gomes (2012), e Trindade e Souza (2022). Esses autores buscam elucidar as complexas dinâmicas culturais e étnicas que moldam os saberes e fazeres ao longo do tempo, especialmente no que diz respeito aos processos de elaboração de objetos cerâmicos.

Muitas abordagens teóricas já foram testadas nas análises arqueológicas, especialmente de materiais cerâmicos, uma delas, atualmente contestada, seria o hibridismo. Liebmann (2015, p. 20) aponta que "o hibridismo é um conceito repleto de aparentes contradições. É ao mesmo tempo uma tática frequente dos fragilizados e uma estratégia óbvia dos colonizadores. Pode ser uma ferramenta de resistência e um instrumento de dominação." Para ele, o conceito de hibridismo é comum e está em toda parte, mas é poderosamente transgressor. Parece exigir pureza, mas celebra a heterogeneidade. No final, porém, a identificação do hibridismo nos alerta para sermos cautelosos em relação às nossas próprias suposições. Também ajuda a desmascarar os vestígios de poder e desigualdade gravados no passado, onde e quando as diferenças culturais se encontraram.

No Paraná, como em outras territorialidades, existiram conflitos e entrelaçamentos de diferentes ancestralidades, permeadas por diversas agências e ontologias. Ribeiro (1995, p. 121) observou que as populações constituintes de comunidades locais, acabaram sendo denominadas, num primeiro momento, de “neobrasileiras e “caboclas”. Aparentavam traços muito “mais indígena que negra ou europeia pelo modo como moravam, comiam, por sua visão de mundo e pelo idioma que falavam”. Essas pluralidades ancestrais estão refletidas em diferentes aspectos das materialidades, com morfologias e decorações, especialmente pinturas e incisões, simbolizando etnicidades e religiosidades.

As louças de barro paranaenses da coleção reunida por Guilherme Tiburtius são artefatos plurais, resultados de produções locais, de usos cotidianos ou rituais, elaborados por várias comunidades tradicionais da região do entorno de Curitiba. Artefatos com

características indígenas, afroindígenas, e europeias, apresentando pluralidade étnica em sua especificidade regional paranaense, assemelhada com a que ocorre em comunidades tradicionais em São Paulo, na Bahia, no Espírito Santo, em variadas áreas litorâneas e sertanejas brasileiras, em épocas posteriores aos séculos XVI e XVII, especialmente as que tiveram maior contato, nesse período, com populações ibéricas e africanas.

Muitos vasilhames da coleção GT, como panelas, jarras e cuscuzeiros de chapéu, possuem características tecnológicas e decorativas étnicos plurais que incluem as técnicas do acordelado e/ ou do torno, das superfícies externas com engobos negros e vermelhos, com múltiplas decorações associadas, e possíveis aplicações de asas e alças, e lábios com decorações variadas, entre outras características.

Dias Jr (1983, p.9) apontava que essa cerâmica, anteriormente denominada Neobrasileira, possuía atributos morfológicos, de tratamento de superfície e de aplicações de “[...] reforços externos [...] como alças, próximos à borda [...] e asas horizontais, constituídas por rolete de argila aplicado na face externa, podendo ter decoração digitada, ou até ungulada digitungulada, serrungulada, etc., com a aplicação de “asas múltiplas”. Da mesma forma, as características se assemelham à fase cerâmica identificada pelo PRONAPA como Lavrinha, que ocorre no vale do Rio Iguaçu, no estado do Paraná, no contexto dos séculos XVIII e XIX, já resultado de contatos interculturais e que corresponde à região de coleta dos vasilhames da coleção de louças de barro de Guilherme Tiburtius, conforme a figura 1.

Ainda na figura 1, mais especificamente, a panela mostra a aplicação de asas horizontais próximas à borda da peça. No cuscuzeiro de chapéu, foi aplicado rolete de reforço, com digitação, na constrição central da peça e aplicação de cordão com decoração digitada e asas na parte inferior.

Em parte da superfície externa do cuscuzeiro, especialmente no bojo, aparecem marcas clânicas (incisões em pequenas linhas inclinadas paralelas) que podem ser associadas a povos africanos, como os da Costa da Mina e os provenientes do planalto de Benguela, sul de Angola, como propõe Symanski (2010, p. 53) para decorações assemelhadas documentadas em engenhos na Chapada dos Guimarães, no estado do Mato Grosso. Ainda foram documentadas em áreas históricas de plantação de cana-de-açúcar e engenhos da Chapada dos Guimarães e na análise da cultura material “proveniente de unidades domésticas do núcleo urbano de Santarém (PA), ocupadas nos séculos XVIII e XIX [...] que apresentam processos de trocas culturais entre portugueses, luso-brasileiros, indígenas e mestiços”.

O terceiro vasilhame, à direita, apresenta engobo vermelho em toda a superfície externa, um atributo espanhol, posterior ao século XVI, que Parellada (1997) descreve como

uma das técnicas decorativas principais das materialidades cerâmicas de cidades espanholas e missões Jesuítico-Guaranis, outrora existentes em território paranaense, na antiga Província del Guairá, nos séculos XVI e XVII.

Figura 1 - Algumas louças de barro paranaenses da coleção Guilherme Tiburtius. Da esquerda para a direita: uma panela com asas, um cuscuzeiro de chapéu com lábios decorados e asas, e um recipiente para acondicionar líquidos, com engobo vermelho aplicado na face externa da peça.



Fonte: FERNANDES, Rosane Patricia. Louças em barro coleção GT. 2022.

Na coleção analisada, uma significativa maioria, 82% (140), das materialidades cerâmicas exibem tratamentos de superfície e decorações plásticas na face externa. Dentre essas: 78% (133) são alisadas, 21% (36) são engobadas, 6,4% (11) foram submetidas a leve banho de pigmentos, 12,9% (22) com brunidura, e 18,8% (32) foram alisadas e receberam decorações plásticas. Ainda, 5,2% (9) apresentam pinturas, em linhas, estrelas e outras formas geométricas, em tons de preto e vermelho, refletindo aspectos simbólicos, possivelmente relacionados a diferentes religiosidades, de matrizes indígenas, africanas, afroindígenas e europeias. Parte das louças de barro da coleção GT parece estar alinhada às descrições de Dias Jr. (1988) e Deminiciis (2017, p.75-76), quando tratam da cerâmica Neobrasileira, descrevendo tratamentos de superfície predominantes como alisamento simples e decorações classificadas como "polido estriado", com pouca incidência de engobos, vitrificações ou pinturas. Em geral, as estrias, produzidas por instrumentos do tipo espátula, eram comuns, não acontecendo distinções entre as faces externas e internas.

Quanto às decorações plásticas, abrangem uma variedade de técnicas ou tipos conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Tipos de Decoração e Tratamento de superfície observados nas louças pesquisadas da Coleção GT do Museu Arqueológico de Joinville MASJ

Decoração / Tratamento de Superfície Frequência (n) Percentual*

Ungulado	36	21,1%
Entalhes / incisões	35	20,5%
Corrugado	31	18,0%
Nodulado	7	4,11%
Estocado	7	4,11%
Escovado assimétrico	6	3,52%
Escovado	4	2,35%
Escovado oblíquo	3	1,76%
Ponteadado	3	1,76%
Escovado estriado	2	1,17%
Riscado em linha	2	1,17%
Corrugado em barra	1	0,5%
Espatulado	1	0,5%
Alisado	1	0,5%
Inciso barra	1	0,5%

Fonte: Fernandes (2023). *Também há pequenas porcentagens entre outras decorações.

As decorações unguladas e corrugadas, assim como a aplicação de pintura vermelha, porém de forma diferente, observadas nestas louças, remetem a técnicas amplamente registradas nas cerâmicas Guarani pré-coloniais. Entre o Guarani, o corrugado e o ungulado eram produzidos ainda na modelagem do vaso, por meio da pressão dos dedos ou das unhas sobre a superfície da peça, criando uma textura em relevo, que poderia ter simultaneamente função estética, funcional e indenitária. Essas decorações são recorrentes em sítios Guarani do litoral e do interior do Sul do Brasil, especialmente entre os séculos X e XVIII (LA SALVIA; BROCHADO, 1999).

As incisões geométricas e o engobo negro, comuns em cerâmicas arqueológicas Jê, ou Itararé-Taquara, também ocorrem. Havendo, com grande frequência, linhas incisas, ponteados, zigue-zagues e grafismos geométricos, geralmente associados a recipientes menores e mais escuros, muitas vezes queimados em atmosfera redutora, o que produz a coloração negra.

O engobo escuro além de aferir acabamento, pode ter funcionado como marcador identitário e estético entre povos Jê (BEBER, 2024).

A decoração escovada, elaborada antes da queima, com o vasilhame em ponto de couro, geralmente com a palha ou sabugo de milho, cresce estatisticamente nas análises arqueológicas, em sítios posteriores ao século XVI, conforme discussões em Parellada (1997,

2008) e Bonomo et al. (2015), porém já era aplicada em tempos anteriores ao contato com os europeus. As decorações incisas, também podem estar relacionadas a representações simbólicas ancestrais africanas, com linhas simples ou paralelas, podendo estar associadas a outras técnicas, como o ungulado e o ponteadado. A presença de apliques modelados, como asas, alças, cordões e pegadores, em 49,8% (84) das peças também reflete as características de uma cerâmica plural, com reforços externos elaborados com cilindros, perfurações para suspensão por cordéis e asas horizontais, muitas vezes decoradas ou digitadas. As "asas múltiplas" são especialmente distintivas desses estilos locais, enquanto as alças são mais frequentes em jarras e xícaras.

Assim, quando ocorrem características culturais diversas entrelaçadas em uma coleção, ou mesmo em um único recipiente, sugerem processos de contato, circulação de conhecimentos e intercâmbio entre diferentes povos. Ao invés de indicar uma cultura única, essas louças revelam a persistência e a combinação de práticas e saberes indígenas variados, posteriormente reelaborados em contextos históricos com a presença africana e europeia. Neste sentido, as decorações tornam-se evidências matérias de sociabilidades e territorialidade compartilhadas.

Esses entrelaçamentos culturais entre indígenas, africanos e europeus potencializam a importância dos estudos e do pensamento decolonial nas análises históricas, antropológicas e arqueológicas, que podem desvelar desigualdades e assimetrias em diferentes territorialidades e temporalidades no espaço abrangido atualmente pelo Brasil. O contato e intercâmbio de saberes e práticas entre várias etnicidades pode ser observado por análises arqueológicas plurais.

As louças de barro da coleção Guilherme Tiburtius apresentam materialidades plurais que apresentam práticas e saberes tradicionais ancestrais, de diferentes matrizes culturais, que incluem agência, intencionalidades, funcionalidades, especialidades, semiose e espiritualidade das mãos que as modelaram (INGOLD, 2015). Ou seja, aquelas morfologias e decorações plurais desvelam histórias de longa duração permeadas por diferentes sociabilidades.

Nesse contexto, os objetos cerâmicos se destacam, pois cada uma das peças materializadas representa narrativas e trajetórias de aprendizados, entrelaçando memórias e etnicidades que se articulam e permeiam ações materiais e imateriais do termo patrimônio. Essas peças expressam aspectos simbólicos, revelando agência e identidades, que não lhes permitem apreciação apenas pelo sentido estético, mas por elementos da cultura material que carregam consigo “histórias, opções, identidades, elementos de comunicação e significados” (TURCHETTI, 2018, p. 32).

Desse modo, as materialidades moldadas como poesias plurais de barro, como as cerâmicas paranaenses da coleção Guilherme Tiburtius podem ser. E, principalmente, denotam a relação dos humanos com o território, mas também do contato com o “outro”, que induz a um panorama multifacetado de apropriações e saberes culturais que merece ser melhor estudado em todos os tempos.

As louças de barro, objetos etnográficos, vêm testemunhando diferentes temporalidades e territorialidades, destacando as transformações e as dinâmicas sociais, podendo colaborar e potencializar a contextualização da diversidade cultural em diferentes comunidades.

Considerações finais do artigo

A região estudada, antes do século XVI, conforme os estudos arqueológicos e de documentação histórica, já estava sendo ocupada por diferentes populações indígenas, considerando as histórias de longa duração. Portanto, no momento da chegada de europeus e africanos, as áreas abrangidas pelo alto rio Iguaçu possuíam muitas aldeias, roças e caminhos originários, territorialidades de povos de famílias linguísticas Jê e Tupi-Guarani. Atualmente, os povos indígenas resistem na região, mantendo pequenos territórios, muitos em retomadas em espaços sagrados, relacionados a memórias míticas.

Detentores do saber ceramista, esses povos, a partir de contatos conflituosos e de alianças, especialmente com europeus e africanos, elaboraram materialidades plurais, ao longo de diferentes tempos. As cerâmicas da coleção Guilherme Tiburtius, coletadas em comunidades rurais do alto Rio Iguaçu, em 1941 e 1942, nos possibilitam compreender as diversas matrizes ancestrais naquelas localidades, e a relevância da patrimonialização desses bens culturais, atualmente acervados no Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville (MASJ), em Joinville, Santa Catarina.

A cerâmica da coleção estudada é caracterizada por vários aspectos distintivos, como predominância de peças de dimensões médias a pequenas, com morfologia variada, como cuscuzeiros, jarras, tigelas, pratos e outros recipientes. A decoração é frequentemente composta por elementos incisos, impressos ou pintados, utilizando motivos geométricos simples, linhas, pontos, estrelas, e outras formas abstratas. As formas, a presença de asas e as múltiplas decorações permitem compreendê-las como materialidades plurais que congregam saberes e fazeres de diferentes povos, cujas origens estão articuladas à multiplicidade étnica de comunidades rurais que ocuparam territorialidades no alto rio Iguaçu, leste paranaense, sul do Brasil.

É importante destacar que poucos estudos tratam das louças de barro da coleção Guilherme Tiburtius, apesar da sua importância nas discussões sobre memórias, etnicidades, diversidades culturais e histórias de longa duração em comunidades rurais e urbanas paranaenses. Os objetos cerâmicos etnográficos têm um enorme potencial de pesquisa, sobretudo quando considerada a multiplicidade de contatos e alianças entre diversos povos e comunidades, ao longo do tempo, e que podem auxiliar a observar a ampla teia de relações sociais estabelecidas.

Além disso, essas discussões e interpretações sobre as louças de barro da coleção de Guilherme Tiburtius contribuem diretamente para a análise das cerâmicas existentes no acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, muitas coletadas pelo pesquisador em sítios do litoral norte catarinense. As coleções reunidas por Guilherme Tiburtius tornam-se, assim, fundamentais, para articular e desvelar histórias de longa duração, contatos e interações interculturais, bem como persistências de saberes e práticas de diferentes populações, em espaços ocupados atualmente pelos estados do Paraná e Santa Catarina, destacando a área norte.

Referências Bibliográficas

APARO, Ermanno. **A cultura cerâmica no design da joalheria portuguesa**. 2010, 386 f. Tese. (Doutorado em Design) Universidade de Aveiro. Departamento de Artes, Aveiro, 2010.

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de Estudios Extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/107116> Acesso em: 27. fev. 2026.

BEBER, Marcus V. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara-Itararé**. 2004, 289 f. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Sinos. São Leopoldo- RS 2004.

BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo C.; APOLINAIRE, Eduardo; NOELLI, Francisco S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, v. 356, p. 54-73, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. Acesso em: 12 jun 2024.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Lithographica Ypiranga, 1981. 730 p.

BROCHADO, José P. *et al.* Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 12, p. 3-33, 1969. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/480>. Acesso em: 05. mai. 2021.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004. 192 p.

CHMYZ I. A Pré-História Paranaense. História do Paraná. **Ideias em Debate**, Curitiba, v.5, p.7-26, 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301201715_A_PREHISTORIA_PARANAE_NSE/link/570bf10508ae8883a1ffdfd7/download. Acesso em 12 de maio de 2025.

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu, Paraná. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Publicações Avulsas n. 15, p.87-114, 1971.

CHMYZ, Igor. Pesquisas paleetnográficas efetuadas no vale do rio Paranapanema, Paraná - São Paulo. **Boletim de Psicologia e Antropologia**. Curitiba, v. 5, p. 1-248. 1977.

CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano 1, n. 1. p.119-148, 1976.

CHMYZ, Igor. Pesquisas de arqueologia histórica em Curitiba. **Círculo de Estudos**, Curitiba, v. 20, n.17, p. 59-80, 2003.

CHMYZ, Igor, SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. A arqueologia da área da LT 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo. Arqueologia - **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**. Curitiba, V. 5, p. 1-305, 2008.

CHMYZ, Igor, SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul, Paraná. **Arqueologia**, Revista do CEPA/ UFPR, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica**. Barcelona: Ediciones CEAC.1999. 224 p.

DIAS JR, Ondemar. A cerâmica neobrasileira, Arqueo-IAB. **Textos Avulsos do Museu**

Paraense Emílio Goeldi, Belém.v.1, p. 3-13, 1988.

DEMINICIS, R. B. A escrita da história do Brasil através dos vasilhames cerâmicos das populações subalternas: o papel atual da Arqueologia. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 73–88, 2017. DOI: 10.24885/sab.v30i1.503. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/503>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FERNANDES, Rosane P. **Louças de Barro, Patrimônio Cultural feito à Mão: Um Estudo sobre Cultura Material e Hábitos Alimentares de Comunidades Tradicionais a partir da Coleção de Guilherme Tiburtius**. 2023. 261f. Tese. (Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Joinville, 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 60, p. 14-42, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 256 p.

INGOLD, Tim. Trazendo as Coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan. /jun. 2012.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo- Ensaios Sobre Movimento, Conhecimento e Descrição/** Tim Ingold, tradução de Fábio Creder. Petrópolis-RJ: Vozes. 2015. 392 p.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonioimaterial#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,e%2C%20em%20alguns%20casos%20os>. Acesso em: 09. jun. 2023.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Éditions du Seuil, p.479-483. 2003. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/osp/752>. Acesso em: 23. fev. 2025.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 248 p.

LIEBMANN, Matthew. The Mickey Mouse kachina and other “Double Objects”: Hybridity in the material culture of colonial encounters. **Journal of Social Archaeology**, v. 15, n.3, p. 319-341, 2015.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Rumo, 1944. 197 p.

MORALES, Walter F. A cerâmica “neobrasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.165-187, 2001.

MOTA, Lúcio T. **História do Paraná: relações sócio-culturais da pré-história a economia cafeeira**. Maringá: Eduem, 2012. 120 p.

NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva (org.). **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Editora da UEL, p. 17-55, 2004. 430 p.

NOELLI, Francisco S.; SALLUM, Marianne. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/JN7ndNWNnfxFb3mbCVfLfSn/?lang=pt>. Acesso em: 23.jan. 2020.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de inerência da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p.

132-153. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2025.

PARELLADA, Cláudia. I. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo, Fênix, Paraná**. 1997, 386 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Paraná. Departamento de Antropologia. Curitiba - PR. 1997.

PARELLADA, Cláudia. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara: Dados Etnohistóricos e o Acervo do Museu Paranaense. **Revista Arqueologia**. 2008, v. 21, p. 97-111. In: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2845/2450>. Acesso em janeiro 2016. Acesso em: 14. mar. 2025.

PARELLADA, Claudia I. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S. l.], n. 27, p. 158-167, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/137300>. Acesso em: 27 jul. 2025.

PARELLADA, Claudia I. Arqueologia em Prudentópolis: memórias e patrimônio no Paraná. In: RAMOS, O.F. & OLINTO, B.A. 2020. **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Ed. Unicentro, p. 69-100. 2020.

PARELLADA, Claudia I.; CREMONEZE, Cristina, BATTISTELLI, Edívio, SARAIVA, M.P. **Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes**. Curitiba: Provopar Ação Social, 64p., 2006. www.artenossa.pr.gov.br . Acesso em: 21. out. 2025.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. A pré-história de nosso país. 2a edição revista. ZAHAR. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2004. 102 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHEUER, Herta L. **Estudo da cerâmica popular do estado de São Paulo**. São Paulo:

Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SGANZERLA, Eliane M.; CHMYZ, Igor; VOLCOV, Jonas E.; MIGUEL, Rucinere; CAVALHEIRO, Antônio C. M. Arqueologia do Contorno Leste de Curitiba. **Arqueologia**, Curitiba, v.7, p.1-79, 1996. Disponível em . <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/download/52/>. Acesso em: 02. jun. 2025.

SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, Xingó, n. 2, dez. 2002. p. 120. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2000.tde-03122013-165920>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SOUZA, Camila D.; DIAS, Carolina K.B. Arqueologia e Antropologia da agência: fundamentos da agência nos estudos da cultura material. **Revista de Arqueologia**, v. 35, n. 2, p. 208–226, 2022. DOI: 10.24885/sab.v35i2.917. Acesso em: 12 ago. 2024.

SOUZA, Marcos A. T. Esencializando las cerámicas: culturas nacionales y prácticas arqueológicas en América. In: ACUTO, Félix e ZARANKIN, Andrés (comp.). **Sed non Satiata II: acercamientos sociales en la arqueologia latino-americana**. Buenos Aires, Encuentro Grupo Editor, 2008.

SYMANSKI, Luís C.P. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

SYMANSKI, Luís C.P.; GOMES, Denise C. Mundos mezclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. Nova Série. v. 20, n. 2, p. 53-90, 2012.

TIBURTIUS, G. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná. Südbrasilien. **Anthropos**, v 63/ 64, n.1/ 2, p. 49-74, 1968/ 1969.

TRINDADE, Cleide C.; SOUZA, Marcos. A. T. A cerâmica colonial do vale do Macacu, Rio de Janeiro: uma perspectiva diacrônica. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 19, n. 37, p. 301-325, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarq/article/view/22650>. Acesso em 03 jun. 2025.

TURCHETTI, Natália G. **A história em cacos: a cultura material Jê pré-colonial - Sítio Lito cerâmico Mato Seco, São Gonçalo do Abaeté - Minas Gerais**. 2018, 134f. Dissertação. (Mestrado em História), Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, 2018. <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoNataliaTurchetti.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

TURGEON, Laurier. “Patrimoines métissés: contextes coloniaux et postcoloniaux”. In: TURGEON, Laurier; DELÂGE, Denys; OUELLET, Réal (dir.). **Transferts culturels et métissages Amérique/Europe, XVIe-XXe siècle**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2003. p. 17-36.

VOLCOV, Jonas E. **Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto Rio Iguaçu, PR**. 2011, 168 f . Dissertação (Mestrado em Antropologia), Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/27058>. Acesso em: 12 jun. 2025.

WEBER, Gerhard W.; LUKENEDER, Alexander; HARZHAUSER, Mathias; MITTEROECKER, Philipp; WURM, Lisa; HOLLAUS, Lisa-Maria; KAINZ, Sarah; HAACK, Fabian; ANTL-WEISER, Walpurga; KERN, Anton. The microstructure and the origin of the Venus from Willendorf. **Science Reports, Nature**, 12, 2926 (2022). <https://doi.org/10.1038/s41598-022-06799-z>

ZANETTINI, Paulo E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**, 2005, 496 f. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.71.2006.tde04082006-170833>. Acesso em: 12 jun. 2025.